

Viajantes oitocentista e a cultura funerária: a morte como uma plataforma de observação da alteridade

Gabriel Cavalcante Cordeiro (Unirio)

1- SOBRE A PROPOSTA

Proponho uma investigação do impacto da cultura funerária católica brasileira nos relatos dos viajantes britânicos e estadunidenses em visitas entre os anos de 1808 e 1889. A intenção a se desenvolver é investigar a apreensão, nos relatos, da morte no Brasil em suas representações de modo geral: as expectativas acerca desta, o momento da morte, o funeral, o enterro e as manifestações de luto e dor; a apreensão do impacto social da morte e a morte do estrangeiro em terras brasileiras também seriam englobados neste esforço de pesquisa.

É bem verdade que a chegada da Corte portuguesa ao Brasil, em 1808, possibilitou a chamada 'descoberta científica e artística' da então colônia lusitana, como destacam boa parte dos trabalhos que miram os relatos de viagemⁱ; a partir das permissões concedidas por Dom João VI, o fluxo de viajantes interessados no Brasil aumentou muito. Tal interesse pelo Brasil é expresso nos capítulos introdutórios da maior parte dos relatos de viajantes contemplados por este recorte, com comentários alegando o pouco conhecimento que a Europa e os Estados Unidos tinham da população e dos recursos naturais brasileiros. Para se ter uma ideia, rompendo o recorte, em 1914 foi publicado o relato de Frank Bennet, o qual ainda colocava o Brasil como terra incógnita face à Europaⁱⁱ.

Desconhecida ou não, as terras brasileiras proporcionavam ao viajante o contato com uma cultura funerária diferente daquela encontrada na região de origem do viajante. O Purgatório católico, questionado desde os *Ten Articles* anglicanos da década de 1530ⁱⁱⁱ, é apenas um dos fatores que permite afirmar as diferenças entre as práticas funerárias católicas do brasileiro e as práticas comuns do britânico e estadunidense. Apesar de, até o momento, não haver obra ou significativo esforço comparativo da morte entre esses países, referente ao século XIX, a mera leitura da bibliografia, de produções devocionais, de publicação de teólogos, permite afirmar

isso. Modo de tratar o corpo, definições governamentais sobre local de enterro e demais práticas, poder conferido à autoridade religiosa no que tange à morte, luto, cortejo fúnebre... Enfim, muito além do cientificismo inerente à afirmação de que estes países estavam em diferentes estágios de desenvolvimento civilizatório, estes países dotavam culturas funerárias em transformação ao longo do tempo, as quais eram diferentes.

De fato, a descrença dos Anglicanos^{iv} e dos Calvinistas^v no Purgatório no século XIX, algo que os brasileiros se apegavam, por meio das leituras de *ars moriendi*, e pelas práticas funéreas em favor da alma pesava muito. A feitura de testamentos, as missas para as almas, e outras das principais práticas funerárias públicas brasileiras no século XIX eram ligadas à crença no Purgatório; Estas eram incomuns para as sociedades britânica e estadunidense do norte, onde o catolicismo era raro.

Portanto a opção por viajantes britânicos e estadunidenses advém da alteridade expressa no confronto simbólico existente no descrever a morte, numa reação que se mostra comum nos viajantes destes países diante do que observam sobre a morte no Brasil. O lastro religioso, a predominância de determinados costumes específicos à religião predominante nas regiões de origem dos viajantes, apesar de não ter tanto peso quanto a escolha religiosa pessoal do viajante, é importante para se inferir e explicar determinadas reações à cultura funerária brasileira, tanto de identificação, quanto de repulsa.

Faz-se importante um estudo dos viajantes individualmente, em suas características pessoais, ao reagirem à morte e outras sociabilidades em outros países. Ao mesmo tempo, Jean Pierre Vernant afirma que “não existe, não pode existir uma pessoa-modelo, exterior ao curso da história humana, com as suas vicissitudes, as sua variedades conforme os lugares, as suas transformações conforme o tempo”^{vi}. Desse modo, compartilho também da importância de se entender, não apenas a individualidade do viajante, mas também de se estipular o que era um britânico oitocentista e o que era um estadunidense do norte.

O evento da morte biológica, nas sociedades cristãs brasileira, britânica e estadunidense, pode ser estudado, no campo da pesquisa histórica, pelo viés do: desligamento do ser social do cotidiano, com uma ritualidade composta, entre outras coisas, pelos ritos de passagem (da vida para a morte), e pelos de entrada (no

mundo dos mortos). Além desta, pode-se analisar a comoção proporcional à importância da pessoa frente à sociedade, como coloca Hertz^{vii}. Esse caráter sócio-cultural, Adalgisa Arantes Campos, caracteriza como “um processo de humanização que supera a simples condição fisiológica da morte e a lança na esfera da cultura”^{viii}. Segundo Erik Seeman^{ix}, no Período Moderno a morte era, não somente uma preocupação geral daqueles que refletiam sobre o destino da alma, como também um interesse cotidiano em conversas; o que sinaliza para uma maior abertura do tema, em relação ao silêncio^x, ou *tabu*^{xi}, que se tornou o tema da morte no cotidiano da contemporaneidade desde o fim do XIX. Este suposto afastamento, entretanto, não se deu no meio acadêmico, visto que o tema da morte permaneceu ‘vivo’ nas pesquisas antropológicas de Robert Hertz (1907), Arnold van Gennep (1909), Marcel Mauss (1926) e Bertram S. Puckle (1926). À partir dos Annales, com a aproximação da História de outras Ciências Sociais, alguns temas típicos da Antropologia, passaram a fomentar objetos e análises históricas: a morte foi um destes temas.

A morte, engendrada na condição humana, apesar de já ser objeto de reflexões filosóficas^{xii} e pesquisas das Ciências Sociais, recebeu uma atenção específica dos historiadores a partir da década de 1970, devido à constatação de esta ser sentida, vista e pensada de maneiras diferentes pelos homens nos diferentes espaços ao longo do tempo. Além disso, há no acontecimento, na comunicação e nas demais ações ligadas à morte uma importante comoção social, a qual era grande, no Brasil oitocentista, pelo caráter público^{xiii} tomado pela morte, e também pela tênue distinção entre o que era um ambiente privado e o que era ambiente público^{xiv}, permitindo uma visualização e participação do estrangeiro nestes momentos, que em seus países de origem eram momentos familiares. Caracterizando assim um contato, que, devido à alteridade, era muitas vezes registrado. O caráter externo das demonstrações de luto e sofrimento, e as sociabilidades ligadas ao evento da morte contribuem para a importância de relatos daqueles que conviveram com tais momentos, como os viajantes; principalmente os selecionados para esta pesquisa, os quais vêm sendo pouco explorados^{xv} apesar da emergência de diversos projetos de digitalização de obras de domínio público nos Estados Unidos e na Inglaterra.

Porém, a relevância maior desta pesquisa histórica (em desenvolvimento) talvez esteja na diferente abordagem proposta, tanto para o tema da morte cristã, quanto

para o estudo histórico dos viajantes. Após anos de análises históricas de diversos aspectos da morte no Brasil, desde a publicação do compêndio de José de Souza Martins (1982) e da obra de João José Reis (1991), uma lacuna permanece: *A problematização da morte nos oitocentos, como causadora de comoção social capaz de imprimir no texto do viajante reações coerentes (ou não) passíveis de serem apreendidas e contextualizadas historicamente*. O estudo das obras de Stannard (1977), Laderman (2003), Seeman (2010) – no caso estadunidense – e de Jalland (1996), Jupp et al (2000), Strange (2002) – no caso britânico – já permite afirmar uma diferença notável nos hábitos e nas sensibilidades perante o evento da morte, em relação àquilo que se percebe nas leituras de Campos (1988), Reis (1991; 1997), Rodrigues (1995; 2005), Vailati (2010), considerando a reflexão de Walter (2012) sobre comparações^{xvi}. A morte, assim como aspectos da religião, se apresentam como uma experiência social, onde determinadas reações de *mourning* e *grief*^{xvii}, eram esperadas; mesmo a morte se apresentando cada vez mais como uma experiência de sofrimento pessoal desde os setecentos, tanto nos EUA^{xviii} quanto na Grã-Bretanha^{xix} - mas não no Brasil.

Acredito que “As atitudes diante da morte e a relação entre vivos e mortos não estão separadas de processos históricos mais amplos, daí porque cada país – talvez cada ‘região cultural’ – teve uma cronologia própria das mudanças”^{xx}. Entretanto identifico apenas uma reação coerente dos viajantes perante os fenômenos culturais fúnebres, como numa teoria sociológica das reações de britânicos e estadunidenses, da forma que feito anteriormente por Ariès, Vovelle e outros na questão da descristianização. Ratificando, penso ser possível (e relevante) captar e contextualizar historicamente as reações do estrangeiro, usando para tanto a morte como uma plataforma de observação, devido ao seu caráter universal e diferencial nas expressões de alteridade^{xxi}.

Desse modo, ratifico meu recorte temático, objeto de pesquisa e problemática, respectivamente: O olhar estrangeiro sobre a morte no Brasil; Os aspectos sociais da Morte no Brasil presente nos relatos de viajantes britânicos e estadunidenses nos oitocentos; Quais são os principais pontos, da morte, observados pelos viajantes? Há diferença na observação da morte em viajantes diferentes? Quais viajantes

tendiam a observar o quê, na morte? Por que estes observavam o que observavam, na morte? O que poderia influenciar o viajante na observação da morte no Brasil?

2- METODOLOGIAS E FONTES

De modo a unir proveitosamente os objetivos desta pesquisa, com o objeto, é necessária uma utilização de preceitos teóricos em metodologias, expondo as fontes de modo preciso. Acredito que os relatos de viajantes podem ser tomados como textos literários. Porém, dado o contexto de sua produção, podem conter indícios da história do local o qual estes se dispunham a descrever. Estes indícios são unidos às ideias e às intenções do autor (que de certa forma são também as de seu grupo), e formam parte importante daquilo que compõe o texto. Além disso, a morte, com sua importância filosófica e psicológica, acompanhada pelas demonstrações sociais (materiais e imateriais), é capaz de causar reações no observador, seja por meio da escrita ou desenho, os quais podem ser entendidas contextualizadas, enfim, problematizadas historicamente. Para finalizar, apesar da utilização de alguns viajantes já bastante difundidos, acredito que o uso destes e dos demais em sua versão original com o auxílio de dicionários^{xxii} – como está sendo feito – possibilita um conhecimento diferenciado do autor e daquilo que ele escreve, por meio de um estudo hermenêutico. Certo disto sigo:

Considerando os relatos de viajantes como um documento histórico^{xxiii}, do qual é possível apreender noções e vestígios de uma realidade anterior, pretendo tentar extrair aquilo que foi apreendido do cotidiano da morte pelo viajante, diferenciando com ajuda de leituras complementares, o que havia para ser visto, o que era usual, e que o viajante escreveu. Assim como Vailati em *A Morte Menina*, o qual não se contentou com as impressões passadas pelo viajante, procurando dados quantitativos e diários pessoais, caracterizando assim uma crítica da fonte por meio de um conhecimento mais amplo do tema.

Indo além, ao pensar neste documento como produção literária de um determinado sujeito preocupado com a recepção de suas ideias e com a informação contida, pretendo considerar aspectos relacionados à recepção^{xxiv} das ideias no país de origem^{xxv}, e ao mesmo tempo a intenção do autor desta obra ser, ou não,

publicada^{xxvi}. Lembrando-me também que alguns foram reeditados e modificados, como aponta Amílcar Torrão Filho – o que se encontra especificado no início de alguns relatos.

Pensando agora no autor, pretendo elaborar uma historicização com ajuda de fontes^{xxvii} e bibliografia^{xxviii} sobre o cotidiano da morte e religiosidade nas regiões de origem dos viajantes. Considerando as colocações da literatura anglo-americana utilizada, penso ser necessária uma reflexão acerca da origem social do viajante selecionado e da origem biográfica dos autores individualmente^{xxix}. Deste modo, tentarei abarcar tanto aquilo que influenciou o autor como membro de uma coletividade, quanto aquilo que torna o autor singular, específico em relação ao seu meio.

Penso ser necessário, um aprofundamento nas ideias acerca de representação, elaboradas por Roger Chartier, já que entendo o Relato como uma representação: “As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza.”^{xxx}. Desse modo, acredito ser importante “considerar os esquemas geradores das classificações e percepções, próprios de cada grupo ou meio”^{xxxi}; ou seja, o aprofundamento no conhecimento do viajante.

Se pensarmos que em estudos de História Social da Cultura, há uma percepção de que ações sociais são como “textos”, passíveis de serem culturalmente interpretados^{xxxii}, e ainda, que questões relacionadas à morte, como a ‘boa morte’ eram parte do imaginário coletivo, expresso por meio de ações públicas e privadas, podemos, portanto, estudar essas manifestações exteriores relacionadas à morte por meio do uso de relatos de viajantes. Esta fonte, problematizada e historicizada, permite uma observação privilegiada da sociedade, segundo M. Leite^{xxxiii}.

Indo além, ao reconhecer a alteridade, o olhar diferenciador do viajante sobre a sociedade observada, assim como coloca A. Torrão Filho, “nesta construção textual de uma representação da diferença, é que ao tratar do outro, o viajante edifica uma representação de si mesmo”^{xxxiv}. Aproprio-me também de seu método, quando este considera que “Não é apenas o contato com o mundo que determina o conteúdo da

descrição, mas ela é o resultado também da reflexão e de uma teoria que antecede à viagem”^{xxxv}. No campo da cultura, os relatos, produzidos em *zonas de contato* – “espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação”^{xxxvi} – carregam consigo o risco de representar a cultura observada por apenas um ponto de vista e serem tomados como a representação do total. Essas zonas de contato propiciam o acontecimento do fenômeno conhecido como transculturação. Porém podemos tirar do estudo de Passetti, que a compreensão do relato como uma representação de um conjunto de ideias pré-concebidas pelo viajante, sendo este um mero agente imperial, é uma simplificação do homem estrangeiro. Compreendo o relato da mesma forma que o autor: “como o produto de viagem, relacionado aos interesses do viajante e de grupos a ele vinculados, em uma época e local determinados”^{xxxvii}.

Diante daquilo que foi exposto, e ciente da contingência destas definições teórico-metodológicas, frente aos (possíveis) 24 meses de desenvolvimento e aprimoramento do projeto, sigo. O trabalho com as fontes se encontra em desenvolvimento desde 2011. Todos os documentos citados nas referências, bem como a Historiografia citada estão em sua maior parte lidos e fichados. Já temos posse de mais de 30 relatos de viajantes^{xxxviii}, os quais já têm os principais trechos, relativos à morte, transcritos e fichados. As obras historiográficas estrangeiras citadas já estão em mãos e foram utilizadas no trabalho monográfico que originou este projeto.

Cabe, enfim, ratificar um dos principais vieses teóricos os quais orientam este trabalho: “O real assume assim um novo sentido: aquilo que é real, efetivamente, não é (ou não é apenas) a realidade visada pelo texto, mas a própria maneira como ele a cria, na historicidade da sua produção e na intencionalidade da sua escrita”^{xxxix}.

ⁱ “O Brasil, até um certo ponto de sua história, era simplesmente fechado aos estrangeiros. Viajar, particularmente para forasteiros, dentro dos domínios portugueses do Novo Mundo, foi virtualmente proibido pelas autoridades no século XVIII. Não o deixou de ser, até que a família real, fugindo do exército de Napoleão, no começo do século XIX, se refugiou nesta possessão, quando essa proibição foi então suspensa. Em 1808 Dom João abriu os portos brasileiros a todas as nações.” MANTHORNE, Katherine E. O imaginário brasileiro para o público norte-americano do século XIX. *Revista USP*, no. 30. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1996. p.60; “Há uma relativa escassez de notícias sobre o Brasil na literatura estrangeira produzida nos períodos anteriores à vinda da

família real ao país.” LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os Viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História) - UNESP, Franca, 2010. p.10; “Oriundos, em sua maioria da Europa Setentrional e dos Estados Unidos, eram esses viajantes aqueles cuja entrada no país fora franqueada quando do estabelecimento da corte de D. João VI no Rio de Janeiro.”. Ver também: HOLANDA, Sérgio Buarque de (dir.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo II: O Brasil Monárquico, 1º volume e 3º volume. São Paulo, Difusão Europeia do Livro, 1969.

ⁱⁱ “In preparing this little book on Brazil, I have been actuated chiefly by the desire to help make known a country which is still, so to speak, terra incognita to Europeans generally, and one which I venture to say will repay them to make a closer study of.” BENNETT, Frank. *Forty Years in Brazil*. London: Mills & Boon. 1914. p.v

ⁱⁱⁱ Importante destacar o valor deste documento para a afirmação de que, apesar de não ser maioria ainda, os protestantes detinham o poder político. “The politics of the mid-1530s gave prominence and encouragement to protestant reformers, for whom German Lutheranism was a powerful influence, and their theological views can be traced in the Ten Articles of 1536 (ch.1, p.17), which reduced the holy sacraments from seven to three. Baptism, the eucharist and penance retained their sacramental status, while confirmation, matrimony, holy orders and extreme unction were de-emphasized. The government purged excess saints’ days from the English liturgical calendar”. FERRELL, Lori Anne; CRESSY, David. *Religion and Society in Early Modern England*. London: Routledge, 2005. p.2

^{iv} Baseando-se no artigo 22 dos ‘Thirty-nine articles’ anglicanos, foi produzida uma vasta produção teológica e devocional, que negava a existência do Purgatório, por exemplo: SEAWARD, T. *A catechism of the thirty-nine articles of religion, of the united Church of England and Ireland*. London : Elizabethh Bagster, Printer, 14, Bartholomew Close, 1835; FORBES, Alexander Penrose. *An explanation of the Thirty-nine articles*. Oxford and London: James Parker and Co, 1868.

^v Stannard ao refletir acerca dos ‘Puritanos’, deixa bastante claro que os hábitos e as crenças destes se postavam mais na dúvida freqüente a respeito do destino de sua alma, como um sinal de fé, do que no ‘conforto’ de saber que com alguns esforços dos vivos, os mortos chegariam à graça divina. Mesmo no caso do Reverendo Metodista Daniel Parish Kidder, o purgatório não se mostra crível. KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil*. Philadelphia: Sorin & Ball, 1845. V.2. p.159; STANNARD, David E. *The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change*. Oxford University Press, 1977. p.72.

^{vi} VERNANT, Jean Pierre. *Myth and thought among the Greeks*. Boston: Routledge, 1983. p.xiv

^{vii} HERTZ, Robert. *Death and the right hand*. Glencoe: The Free Press, 1960. p.27-88

^{viii} CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas Sobre os rituais de morte na sociedade escravista. *Revista do Departamento de História da UFMG*, n.6, 1988. p.109

^{ix} SEEMAN, Erik R. *Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010. p.1

^x No trabalho de Ariès, há a identificação de um processo de afastamento pós XIX: do morto dos ambientes públicos, da morte como tema de discussão, do sofrimento externalizado para as vestes de luto e dor pessoal. A morte interdita. Cf. ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p.84-99

^{xi} Walter sugere que esse tabu já pode ser relativizado em tempos mais recentes. Segundo ele há um triplo *revival da morte* em processo: como tema/tópico de discussão, nos incentivos à morte tradicional/natural (sem as formas “artificiais” de se manter vivo) e do apelo religioso da morte. Cf: WALTER, Tony. *The Revival of Death*. New York: Routledge, 1994. p.1-5

^{xii} Um exemplo recente da atualidade do tema para a Filosofia está no Curso disponibilizado em 2007 pela Yale University, intitulado “Death” e ministrado pelo professor Shelly Kagan: <http://oyc.yale.edu/philosophy/phil-176> (Acesso em: 12 de dezembro de 2012). Dois exemplos de obras: MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1997; KÜBLER-ROSS, Elisabeth. *Sobre a Morte e o Morrer*. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1969.

^{xiii} REIS, João José. *A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p.100 e p.137-141; RODRIGUES, Cláudia. *Lugares dos Mortos na Cidade dos Vivos*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Revisão e Editoração, 1997. p.218; VAILATI, Luiz Lima. *A morte menina: Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos* (Rio de Janeiro e São Paulo). São Paulo: Editora Alameda, 2010. p.305 e p.163

^{xiv} Ver: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Cia das Letras, 1995; FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos: decadência do patriarcado e desenvolvimento do urbano*. 16. ed. São Paulo: Global, 2006.

^{xv} “Usando as palavras-chave "Morte (aspectos religiosos)", "Morte (aspectos filosóficos)", "Morte", "Ritos Funerários", nos bancos de teses do CAPES, da USP e outros, cheguei a um total de treze Dissertações e Teses [2005-2010] da USP, UFMG, UFJF, UNIRIO, UERJ, PUC-RS, PUC-SP, UFPB, UECE, UFRJ e UFRGS, cobrindo, portanto, as regiões Sul, Sudeste e Nordeste, regiões bastante exploradas pelos viajantes mais ligados aos centros urbanos. Com os trabalhos em mãos, rastreei pelo texto e pelas Referências Bibliográficas a existência ou não de relatos de estrangeiros; tendo encontrado, tratei de constatar as obras reincidentes e a existência de obras não traduzidas. Por fim observei de modo superficial a utilização dos mesmos. (...) Após avaliação dos dados obtidos, percebe-se inicialmente a reincidentia dos usos dos viajantes traduzidos cuja utilização é recorrente em trabalhos com outros focos, como Saint Hillaire, Richard Burton, John Luccock, Thomas Lindley, Debret, Thomas Ewbank e outros. Boa parte deles já utilizados por João José Reis em seu estudo sobre a Cemiterada e por Adalgisa Arantes Campos ainda em fins da década de oitenta e início de noventa” CORDEIRO, Gabriel Cavalcante. Os usos e desusos dos relatos de viajantes nos estudos de História da Morte no Brasil oitocentista (2005-2010) In: Anais Eletrônicos do I Encontro de Pesquisa em História da UFMG – I EPHIS. Belo Horizonte, v.III. 2012. P.540-541. Disponível em: <<https://sites.google.com/site/ephusufmg/anais>>. Acesso em: 11 de dezembro de 2012

^{xvi} Tony Walter elenca diversos aspectos estruturais que permitem uma observação das diferentes sociedades, indo além de Ariès, Vovelle, Norbert Elias. Walter coloca a religião, como uma destas estruturas compositoras do *management of death*. Segundo ele a tradição religiosa de um país, influencia diversos aspectos do lidar com a morte, com o corpo, o que refletiria inclusive em como esses países lidam com os mesmos na contemporaneidade. Diversas das estruturas, elencadas por Walter, são passíveis de serem observadas nos viajantes, permitindo conclusões à respeito dos viajantes, de sua sociedade de origem e da sociedade que eles tentam descrever, no caso o Brasil: A divisão do trabalho na morte (relativa ao que se faz, e quem, com o corpo, e no enterro), os sistemas racionais modernos (de interessante observação quando se coloca o foco no viajante e em sua origem), a sociedade do risco (principalmente nas medidas medicalizantes), o individualismo ou coletivismo como aspecto cultural, a religião, a secularização, a regulação de fronteiras (seja fronteiras físicas, como onde começa e termina o cemitério, ou fronteiras relativas, como a fronteira entre vida e morte), as expressões, o status, e finalmente os fluxos globais entre culturas distintas - algo de interessante observação quando se percebe que os viajantes estrangeiros eram vistos como modelo. Em diferentes níveis, tais aspectos, são ricamente observáveis nos viajantes e podem permitir comparações restritas transnacionais. Cf: WALTER, Tony. Why different countries manage death differently: a comparative analysis of modern urban societies. *The British Journal of Sociology*. London, v.63, n.1, 2012. p. 123-145

^{xvii} Em tradução literal: ‘Dor da Perda’ e ‘Luto’, um conjunto de reações diferentes entre si, as quais são estudadas separadamente pela Historiografia da Morte na Inglaterra e nos Estados Unidos. Enquanto a primeira seria a experiência pessoal da dor, a segunda representaria um conjunto de ações e reações esperadas frente à morte de um ente próximo. Cf.: WALTER, Tony. *Op.cit.* p. 133

^{xviii} Embaso meu argumento na unanimidade que as obras consultadas apresentam sobre esta transformação, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, de modo geral. Com o agravante ainda das transformações que a Guerra de Independência e a Guerra Civil proporcionaram na individualização da cultura funerária estadunidense, algo bastante destacado por Gary Laderman (*The Sacret Remains: American Attitudes Toward Death*) e citado por David Stannard (*The Puritan Way of Death*) e Erik Seeman (*Death in the New World*).

^{xix} Expresso por HOULBROOKE, Ralph. *The age of decency*; RUGG, Julie. *From Reason to Regulation*; JALLAND, Pat. *Death in the Victorian Family e Victorian Death and it's decline*

^{xx} REIS, João José. *Op.cit.* p.78.

^{xxi} Cf: SEEMAN, Erik. *Op.cit.*

^{xxii} HARRIS, W. T. (editor). *Webster's International Dictionary of the English Language: Being the authentic edition of Webster's unabridged dictionary, comprising the issues of 1864, 1879 and 1884 thoroughly revised and much enlarged under the supervision of Noah Porter*. London: George Bell & Sons. 1907; De modo auxiliar consulto: PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.

^{xxiii} Seguindo portanto a colocação de Chartier que considera a “utilização de textos literários pelos historiadores, uma vez que neste caso perdem a sua natureza literária para serem reconduzidos ao estatuto de documento” CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre práticas e representações*. Algés: Difusão Editorial. p.62

^{xxiv} Considerando a recepção no Brasil: LIMA, Carollina Carvalho Ramos de. *Os Viajantes estrangeiros nos periódicos cariocas (1808-1836)*. Dissertação (Mestrado em História) - UNESP, Franca, 2010

^{xxv} Presentes, por exemplo em: HOLLAND, W.J. *Annals of the Carnegie Museum v.XII*. Pittsburg: Published by the authority of the Board of Trustees of the Carnegie Institute, 1919; Wiley and Putnam, *The American Whig Review: A Whig journal of politics, literature, art, and science*. 1845-1849.

^{xxvi} Miriam Moreira Leite destaca, no caso de algumas mulheres viajantes a ausência de intenção de publicação: “Os livros destas mulheres viajantes foram escritos sob as formas de correspondência à família ou amigos, de diários ou ainda como narrativas breves. Nunca chegaram a ter o volume dos viajantes, com cinco e até mais volumes, principalmente nos casos das viagens de circunavegação. A maioria delas não tinha a intenção de ser publicada. A publicação foi feita por descendentes, após a morte da autora.” LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Mulheres viajantes no século XIX. Cadernos Pagu* no.15. Campinas: Unicamp, 2000. p.133

^{xxvii} *Census of Great Britain, 1851: Religious Worship in England and Wales (1854)*. Disponível em: <http://archive.org/details/censusgreatbrit00manngooq>; CHADWICK, Edwin. *Report on the sanitary condition of the labouring population of Great Britain*. A supplementary report on the results of a special inquiry into the practice of interment in towns. Made at the request of Her Majesty's principal secretary of state for the Home department. London: Printed by W. Clowes and sons for H.M. Stationery, 1843; WALKER, George Alfred. *Gatherings from Grave Yards: Particularly Those of London: with a Concise History of the Modes of Interment Among Different Nations, from the Earliest Periods. And a Detail of Dangerous and Fatal Results Produced by the Unwise and Revolting Custom of Inhuming the Dead in the Midst of the Living*. London: Messrs Longman and Company, 1839; YOUNG, Edward. *The Complaint: or Night Thoughts on life, death and immortality*. London: Printed for R. Dodsley, at Tully's Head in Pall-Mall, 1742; O'DANIEL, William. *Ins and Outs of London*. Philadelphia: S.C. Lamb, 1859.

^{xxviii} STANNARD, David E. *The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change*. Oxford University Press, 1977; SEEMAN, Erik R. *Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010; LADERMAN, Gary. *Rest in Peace A Cultural History of Death and the Funeral Home in Twentieth-Century America*. New York: Oxford University Press, 2003; JUPP, Peter C.; GITTINGS, Clare (org). *Death in England: An Illustrated History*. New Jersey: Rutgers University Press. 2000; JALLAND, Pat. *Death in the Victorian Family*. New York: Oxford University Press, 1996;

^{xxix} ANDERSON, Gerald Harry (ed.). *Biographical Dictionary of Christian Missions*. Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing, 1999; *Oxford Dictionary of National Biography*. Disponível em: <<http://www.oxforddnb.com/>>. Data de Acesso: 13 de dezembro de 2012.

^{xxx} CHARTIER, Roger. Op.cit. p.17

^{xxxi} Idem. Op.cit. p.18.

^{xxxii} CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo (orgs). *Domínios da História: Ensaio de Teoria e Metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. p.52

^{xxxiii} LEITE, Miriam Moreira. *Livros de Viagem: 1803-1900*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

^{xxxiv} TORRÃO FILHO, Amilcar. *A arquitetura da alteridade: a cidade luso-brasileira na literatura de viagem (1783-1845)*. Tese (Doutorado em História) - UNICAMP, Campinas, 2008. p.3

^{xxxv} TORRÃO FILHO, Amilcar. Op.cit. p.4

^{xxxvi} PRATT, Mary. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999. p.27

^{xxxvii} PASSETTI, Gabriel. *O mundo interligado: poder, guerra e território nas lutas na Argentina e na Nova Zelândia (1826-1885)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. p.16

^{xxxviii} As principais obras são: ANDREWS, Christopher Columbus. *Brazil, its conditions and prospects*. New York: D. Appleton and company, 1891; BARROW, John. *A Voyage To Conchinchina, In The Years 1792 And 1793*. London: Printed for T. Cadell and W. Davies in the Strand, 1806; BENNETT, Frank. *Forty Years in Brazil*. London: Mills & Boon. 1914; BURTON, Isabel Arundel. *The Life of Captain Sir Richard F. Burton*. 2 vols. London, Chapman & Hall, 1893; BURTON, Richard

Francis. *Explorations of the Highlands of Brazil; with a full account of the gold and diamond mines; also, canoeing down 1500 miles of the great river San Francisco, from Sabará to the sea.* London, Tinsley Brothers, 1869, 2 vols; CALDCLEUGH, Alexander. *Travels in South America, during the years 1819-20-21* Containing an Account of the Present State of Brazil, Buenos Ayres, and Chile. London: Printed by C. Roworth, Bell Yard, 1825; CANDLER, John. *Narative of a recent visit to Brazil.* London: Edward Marsh, 1853; COOK, William Azel. *Through the wilderness of Brazil, by horse, canoe and float.* London: T.F.Unwin, 1909; DENT, Hastings Charles. *A Year in Brazil: with notes on the abolition of slavery, the finances of the empire, religion, meteorology, natural history, etc.* London: Kegan Paul, Trench, 1886; DICKENS, Marguerite. *Along shore with a man of war.* Boston, Mass.: Arena Publishing Company, 1893; EWBANK, Thomas. *Life in Brazil: or, A journal of a visit to the land of the cocoa and the palm.* New York: Harper & Brothers, 1856; GARDNER, George. *Travels in the Interior of Brazil, principally through the northern provinces, and the gold and diamond districts, during the years 1836-1841.* London: Reeve, Benham, & Reeve, 1849; GRAHAM, Maria. *Journal of a voyage to Brazil, and residence there, during part of the years 1821, 1822, 1823.* London: A&R Spottiswoode, New Street Square, 1824; HENDERSON, James. *A history of the Brazil; Comprising its Geography, Commerce, Colonization, Aboriginal Inhabitants, etc etc etc.* London: Longman, Hurst, Rees, Orme and Brown, 1821; HERNDON, William Lewis. *Exploration of the valley of the amazon.* Washington: A.O.P. Nicholson, 1854; HUMPFREY, Alice R. *A Summer journey to Brazil.* New York: Bonnell, Silver & co. 1900; KIDDER, Daniel Parish. *Sketches of residence and travels in Brazil.* Philadelphia: Sorin & Ball, 1845; KOSTER, Henry. *Travels in Brazil.* London: Longman, Hurst, Rees, Orme, and Brown, 1816; LINDLEY, Thomas. *Narrative of a Voyage to Brazil.* London: Printed for J. Johnson. St Paul's Church-Yard, 1805; LUCOCK, John. *Notes on Rio de Janeiro and the southern parts of Brazil; taken during a residence of ten years in that country, from 1808-1818.* London: Printed for Samuel Leigh, in the Strand, 1820; MATHISON, Gilbert Farquhar. *Narrative of a visit to Brazil, Chile, Peru, and the Sandwich islands, during the years 1821 and 1822.* London: Printed for Charles Knight, Pall Mall East, 1825; MINTURN JUNIOR, Robert Bowne. *From new york to Deli by way of Rio de Janeiro, Australia and. China.* New York: D. Appleton, 1858; SHILLIBEER, John. *A narrative of the Briton's voyage, to Pitcairn's Island; Including na Interesting Sketch of the Present State of the Brazils and of Spanish South America.* London: Printed for Law and Whittaker, 1817; SMITH, Herbert Huntington. *Brazil, the Amazons and the coast.* New York: C. Scribner's Sons, 1879; STEWART, Charles Samuel. *A visit to the South Seas in the U.S. Ship Vicennes, during the years 1829 and 1830; with notices of Brazil, Peru, Manulla, the Cape of Good Hope, and St. Helena.* London: Fisher, Son, & Jackson, 1832; WALSH, Robert. *Notices of Brazil in 1828 and 1829.* London: F. Westley and A. H. Davis, 1830; WARREN, John Esaias. *Para; or, Scenes and adventures on the banks of the Amazon.* New York: G.P.Putnam. 1851; WETHERELL, James. *Brazil. Stray notes from Bahia: Being extracts from letters, etc., During a Residence of Fifteen Years.* Liverpool: Webb and Hunt, 1860; WILBERFORCE, Edward. *Brazil viewed through a naval glass: with notes on slavery and the slave trade.* London: Longman, Brown, Green and Longmans, 1856.

^{xxxix} CHARTIER, Roger. Op.cit. p.64

3- REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

CAMPOS, Adalgisa Arantes. Notas Sobre os rituais de morte na sociedade escravista. **Revista do Departamento de História da UFMG**, n.6, p.109-22, 1988.

ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2001

JALLAND, Pat. **Death in the Victorian Family**. New York: Oxford University Press, 1996

LADERMAN, Gary. **Rest in Peace A Cultural History of Death and the Funeral Home in Twentieth-Century America**. New York: Oxford University Press, 2003.

REIS, João José. **A Morte é uma Festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

_____. O Cotidiano da Morte no Brasil Oitocentista. In ALENCASTRO, Luiz Felipe de (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. 2. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

RODRIGUES, Cláudia. A arte de bem morrer no Rio de Janeiro setecentista. **Vária História**, vol. 24, nº39, Belo Horizonte, 2008, p.255-272.

_____. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). **Revista de História Regional**. V.13, n.1, 2008.

SEEMAN, Erik R. **Death in the New World: Cross Cultural encounters, 1492-1800**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press. 2010.

STANNARD, David E. **The Puritan Way of Death: A Study in Religion, Culture, and Social Change**. Oxford University Press, 1977.

STRANGE, Julie-Marie. 'She cried a very little': death, grief and mourning in working-class culture, c. 1880–1914. **Social History**, v.27, no.2, maio. 2002. p. 143-161 Disponível em: <<http://historia.uwb.edu.pl/pih/poniat/rewolucja/Strange.pdf>>. Acesso em: 12/11/2012

TODOROV, Tzvetan. **A Conquista da América**. Lisboa: Litoral Edições, 1990.

VAILATI, Luiz Lima. Os funerais de anjinho na literatura de viagem. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 22, n. 44, 2003 , p. 365-392.

_____. **A morte menina: Infância e morte infantil no Brasil dos oitocentos (Rio de Janeiro e São Paulo)**. São Paulo: Editora Alameda, 2010.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e Mentalidades**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.